

MIGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA E EDUCAÇÃO

Leda Maria Oliveira Rodrigues¹

Cybele de Faria e Soares²

Elbio Miyahira³

Marinaldo Cunha⁴

Simone Garbi Santana Molinari⁵

Resumo: O tema imigração remete ao processo de rompimento que caracteriza o migrante, marcado por seu local de origem. Não somente sua recepção no país escolhido parece depender dessa marca como também a forma que encontra para manter alguma unidade identitária, esta, constantemente dependente das relações sociais deixadas no outro espaço. Ao atribuir sentido e buscar as razões que o fizeram se estabelecer em solo estranho ao seu de origem, comumente, o migrante as encontra no país emissor. O interesse da pesquisa é compreender a inserção dos imigrantes na escola, pensando-a como local de recepção dos filhos dos imigrantes e onde se lhes apresenta a cultura e o modo de vida da sociedade receptora; a emergência desse grupo no espaço escolar é um dos diferentes aspectos da recente imigração, algo que precisa ser estudado e debatido. Os conceitos de Sayad (2010), Elias (2000), Martine (2005) e outros colaboram para explicar o fenômeno da migração e da educação.

Palavras-chave: cultura; migração; educação.

Abstract: The immigration theme reminds us that this is a process of rupture that characterizes the migrant because it is marked by the place of origin. Not only does the reception in the chosen country seem to depend on this mark, but also how the person keeps some unity of identity, constantly imagining, in the new space, the social relations left behind. To give sense to the immigration, the migrant recalls what made her or him migrate, and in general the reason lies in the country of origin. Our research interest is to understand the integration of immigrants in the school thinking about it as a place that often receives the children of immigrants and presents them to the culture and the way of life of the host society; the emergence of this group in the school environment is one of the different aspects of recent immigration that needs to be studied and debated. The concepts of Sayad (2010), Elias (2000), Martine (2005) and others collaborate to explain the phenomenon of migration and education.

Keywords: culture; migration; education.

¹ Professora Dra. PUC-SP, Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade (PEPG:EHPS).

² Mestranda. PUC-SP. PEPG:EHPS.

³ Mestrando. PUC-SP. PEPG:EHPS.

⁴ Mestrando. PUC-SP. PEPG:EHPS.

⁵ Doutoranda. PUC-SP. PEPG:EHPS.

“Las personas no son extranjeras em sí mismas
sino para alguém o alguno que así as definen.”
Olga Sabido Ramos

A IMIGRAÇÃO COMO TEMA SOCIOLÓGICO

O interesse desta pesquisa é compreender a inserção dos imigrantes na escola, pensando-a como local de recepção dos filhos dos imigrantes e onde se lhes apresenta a cultura e o modo de vida da sociedade receptora; a emergência desse grupo no espaço escolar é um dos diferentes aspectos da recente imigração, algo que precisa ser estudado e debatido.

O tema da migração suscita variados interesses de análise, pois é um fenômeno que marca as sociedades e suas relações – países emissores de emigrantes e países receptores de imigrantes –, por isso é possível encontrar investigações acerca do tema com perspectivas variadas.

A imigração configura-se como um problema sociológico na passagem do século XIX para o século XX. Segundo Sasaki e Assis (2000), é nos EUA, país receptor de milhões de imigrantes, que se inicia a associação de problemas urbanos e sociais com a chegada dessa nova população a seu território. Na época, os problemas urbanos visivelmente preocupantes circunscreviam-se ao aumento populacional e ao aspecto social, este último, mais diretamente ligado ao trabalho e à empregabilidade.

É nessa passagem de século que alguns sociólogos começam os estudos sobre a imigração. A questão crucial era entender as razões da imigração e quais os problemas vividos e enfrentados pelos imigrantes em novo território. Na busca de entender esse movimento populacional, Sasaki e Assis (2000) apontam as diferentes perspectivas de análise da imigração, tais como as que alimentavam a ideia de que a imigração era fruto do próprio sistema capitalista, ou seja, do desenvolvimento industrial e urbano provocando o esvaziamento da população rural. Com a imigração dirigida para as grandes metrópoles dos países desenvolvidos, na virada do século XIX para o XX, pode-se observar o desenvolvimento de cidades cosmopolitas em centros cada vez mais industrializados e urbanizados.

Mas os estudos não pararam nessas duas direções, ou seja, problemas populacionais e de trabalho indicados por Richmond (1988) apontam que essas perspectivas eram dos clássicos Malthus, Marx, Durkheim e Weber.

Embora o tema da imigração não tenha sido central na obra desses autores, é possível depreender que devido ao movimento populacional do período em que viveram, acabaram por abordá-lo. Marx associa a concentração de capital à concentração de pessoas e à convivência do Estado nos deslocamentos (como, por exemplo, os “*enclosures*” ingleses). Durkheim “reconhecia a migração como um dos fatores de quebra das comunidades

tradicionais mantidas pelos laços de solidariedade mecânica” (SASAKI; ASSIS, 2000, p.3). Na mesma perspectiva, Weber via a imigração como parte do desenvolvimento do capitalismo, como “um fator incidental, criando novas classes sociais e grupos de status étnicos” (idem, 2000, p.3).

A imigração aparece como um partícipe menor de um tema maior que é a industrialização e os novos rumos do capitalismo.

A escola de Chicago vai dar maior ênfase ao tema da imigração. Interessados em interações sociais, mantêm foco na mudança dos negros norte-americanos do sul para as grandes cidades do norte, de modo que a imigração aparece com um pouco mais de ênfase. Porém, o tema é periférico na Sociologia, e só pode ser compreendido a partir de um ponto: o de partida. Abdelmalek Sayad, sociólogo próximo a Bourdieu, vai dar maior relevo à importância de observar o fenômeno migratório pelos dois lados que o compõem: o local de saída e o local de chegada.

Sasaki e Assis apontam estudos cuja preocupação centra-se no processo de “adaptação, aculturação e assimilação” (idem, 2000, p. 4) dos imigrantes no seio da sociedade americana, é o caso de Thomas e Znaniecki, que objetivavam estudos a partir dessas perspectivas. Os autores supunham que haveria uma assimilação total da estrutura e cultura americanas por parte dos imigrantes, sem saber ao certo se isto seria possível sem uma adoção dos valores anglo-americanos. O termo *melting pot*, neste contexto, passa a expressar o possível processo de adaptação, assimilação e aculturação. A preocupação com a adaptação, assimilação e aculturação intensifica-se depois da Segunda Guerra Mundial, durante os anos de 1950, pois, neste período, há uma importante modificação nos movimentos sociais migratórios. Agora não são somente os europeus que migram para a América do Norte, mas outros povos, como, por exemplo, os latino-americanos. Com a entrada desses novos grupos étnicos, verificou-se a não adaptação deles à sociedade americana, surgindo, assim, “guetos” ou grupos segregados nas cidades, colocando em dúvida os pressupostos da assimilação. Os diferentes grupos confirmaram as suas peculiaridades étnicas.

Estudos marxistas, Castles e Kosak (1973) e Portes (1981), foram levantados por Sasaki e Assis (2000), que analisam a imigração apontando causas ligadas ao desenvolvimento do capitalismo, relacionando a ideia de que o modo de produção propicia a busca de trabalhadores para o mercado de trabalho temporário. Desta forma, o movimento de imigrantes combina com a ideia de aumentar a oferta de trabalhadores com pouca qualificação – ou mesmo nenhuma –, e resolver problemas de vagas ociosas nas indústrias e outros serviços. São dois pontos a favor dos industriais e dos serviços públicos: preenchem-se as vagas dos serviços “pesados”, que trabalhadores mais qualificados (nativos) se recusam a fazer e, além disso, por tempo determinado e com baixa remuneração. Foi o que aconteceu em países europeus, como a França, que aceitou uma massa de trabalhadores argeli-

nos desqualificados, os quais atenderam suas necessidades em trabalhos de baixa remuneração. Como eram trabalhadores temporários, não cumpriam as condições para obterem cidadania no país. É importante deixar claro que a grande mudança de imigrantes argelinos para a França aparece no contexto da descolonização, no qual a França, após diversas situações de conflito com movimentos independentistas da Argélia, nos anos de 1950 e 1960, assinou um termo reconhecendo sua soberania. Desta forma, tendo a cidadania francesa, um grande número de argelinos migra para a França.

Segundo Sayad (2010), a vertente mais aceita para se explicar a imigração é a que releva razões econômicas, pois rapidamente se verifica ser vantajoso para o país exportador de imigrantes e para o país receptor. O país exportador de mão de obra ganha, não só com a entrada de remessas de valores enviados pelos imigrantes (movimentando sua economia), como aumenta a empregabilidade daqueles que não emigram. Para os países receptores, embora sempre coloquem em evidência os problemas sociais gerados pela imigração, são os que mais ganham, pois recebem uma mão de obra pronta a ser empregada, mesmo com pouca ou nenhuma qualificação, já que os imigrantes se sujeitam a qualquer tipo de trabalho. Além desses ganhos, observa-se que os países receptores também têm um aquecimento no seu mercado interno, pois o imigrante necessita deixar uma massa salarial nesse mercado para sua sobrevivência. Desta forma, “expande a base de consumidores e de contribuintes (impostos)” (MARTINE, 2005, p. 12).

Sayad (2010) também defende a ideia de que a imigração, desde os anos 1940 e 1950, não é decisão isolada de indivíduos, é mais complexa. Envolve grupos e famílias que agem coletivamente, na medida em que enfrentam problemas econômicos comuns e, de certa forma, com essa decisão, amenizam as condições adversas do mercado de trabalho de seu país. Portanto, a imigração não apenas maximiza a renda esperada pelas famílias, mas também minimiza problemas diretamente ligados ao mercado de trabalho incapaz de absorver mão de obra de tal monta.

Ainda enquanto possíveis vertentes de análise existem autores como Boyd (1986), Massey (1990) e Tilly (1990), também levantados por Sasaki e Assis (2000), que colocam como um dos desencadeadores das imigrações internacionais, as redes sociais. Depreende-se do texto das autoras que os estudiosos dessa vertente entendem que as razões atuais para a imigração não são somente econômicas, reduzindo o migrante a um ser desconectado de relações sociais. Isto não seria verdade, pois as recentes imigrações partem do contato pelas redes sociais do não migrante com o migrante. Estes, podem manter laços de amizade ou parentesco e, por meio desses contatos, promover novas migrações. O país de destino não só passa a ficar mais próximo do futuro migrante, que tem maiores e mais concretas informações sobre o país, como também ele se informa melhor sobre as condições de trabalho, se são – ou não –, convenientes.

Pode-se também compreender, pela citação de Sasaki e Assis (2000), novos fluxos migratórios a partir do conceito de transnacionalização desenvolvido por Glick-Schiller, Basch e Blan-Sznaton (1992). Essas autoras discordam de estudos que olham os migrantes como indivíduos que, tendo saído de seu território, passam por um processo de ruptura dos padrões culturais próprios ao aprender uma nova língua e viver em um meio cultural adverso, ou que esquecem suas ligações demigrante com o lar, o país de origem e relações familiares. Diferentemente dessas análises, as autoras obtiveram em suas pesquisas informações que mostram os migrantes como aqueles que mantêm múltiplas relações sociais entre o país de emigração e o país receptor. Assim, o migrante é chamado de transmigrante, mantendo relações “(...) familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas que ampliam as fronteiras colocando em interrelação o global e o local” (idem, 1992, apud SASAKI e ASSIS, 2000). Por trás desse conceito está a ideia de que o migrante mantém uma relação de conjunção e não contraditória entre sua sociedade de origem e a sociedade hospedeira.

Diferentemente das vertentes anteriores, destacamos o trabalho de Sayad (rapidamente apresentado acima), pois ele se diferencia dos demais, conceituando a imigração de forma a não enfatizar somente as questões econômicas que envolvem o processo migratório, mas sobretudo o migrante, ênfase esta que passou a ser, para nós, fundamental.

Imigrante argelino que viveu na França, Sayad procurou entender o fenômeno da imigração, e abriu campo para a discussão ao tentar encontrar suas características fundamentais, centradas no sujeito que migra, e ao considerar o desligamento do imigrante dos espaços coletivos aos quais pertencia na origem, e a relação desse desligamento com as modificações promovidas na sua identidade.

A migração é um processo de rompimento que caracteriza o migrante, marcado por seu local de origem. Não somente sua recepção no país escolhido parece depender dessa marca como também a forma que encontra para manter alguma unidade identitária, constantemente se relaciona – mesmo que no imaginário – com as relações sociais deixadas no outro espaço. Uma forma de dar sentido à imigração é se lembrar-se do que o fez migrar, algo que, em geral, encontra-se no país emissor. Os imigrantes têm a orientação do espaço físico, social e cultural do local em que nasceram e viveram. Por isso, o cotidiano do migrante no país receptor é marcado por um constante conflito de identidade, ou seja, é necessário um “esquecimento” de seus hábitos culturais, de valores pessoais, sociais e políticos. Também é necessária a aquisição de uma nova orientação espacial, cultural e de relações sociais que envolvam o novo país e seu entorno, a cidade, a nova moradia, o local de trabalho, além da busca de condições para o estabelecimento de novas relações.

BREVE ANÁLISE DE DADOS E INTERFACE COM A EDUCAÇÃO

No caso do nosso estudo vemos que na cidade de São Paulo os imigrantes constroem uma vida, uma moradia, próxima do local de trabalho, pois, mantendo-se em grupo podem “amenizar” o conflito de identidades entre nacionais e estrangeiros. Também, por um critério geográfico, colocam seus filhos em escolas que estão no mesmo território, pois a Secretaria Municipal de Ensino da cidade mapeia o local de moradia de seus alunos e indica as escolas mais próximas onde as matrículas devem ser realizadas. Os bolivianos, no caso, nacionalidade com maior número de crianças matriculadas na escola, ocupam hoje um território expressivo da cidade, ou seja, várias regiões, das quais citaremos as mais expressivas: Centro, Zonas Norte e Leste Zona Leste e, com menor expressão, as Zonas Oeste e Sul⁶.

Assim como na cidade de São Paulo, verificamos outro território ocupado por bolivianos, o município de Guarulhos. Pelos dados de matrículas na educação infantil, ensino fundamental I e EJA (Educação de Jovens e Adultos), obtidos pela Secretaria de Ensino Municipal de Guarulhos, vemos o montante de 344 alunos matriculados na escola pública. Os dados mostram matrículas por escola, o que provavelmente evoca a organização de territórios de moradia e de trabalho no entorno dessas escolas.

Entendemos que essa organização territorial diminui e ameniza os problemas culturais enfrentados pelos migrantes. Nesses espaços ocupados, podem manter as relações sociais entre pares da mesma nacionalidade possibilitando que suas formas de vida e hábitos culturais sejam vividos com mais intensidade e naturalidade. Conseguem, dessa forma, reencontrar, mesmo que momentaneamente, a sua identidade, pois podem cultivar concretamente suas práticas culturais por meio do idioma, das relações de vizinhança, das feiras típicas do país, afora a música e a dança. Além disso, partilham um aspecto afetivo e solidário, algo que contribui para a indicação de trabalho e locais de moradia, reforçando convivência mais significativa porque mais próxima culturalmente.

É claro que na convivência com os nativos os migrantes podem se sentir ameaçados, já que são a minoria da população, sobretudo nas vezes em que estão em lugares frequentados por brasileiros (escola, trabalho, comércio, etc.), sofrendo na pele o estigma da indiferença e do invisível. Este comportamento é explicado por Elias (2000), ao mostrar a força dos estabelecidos (brasileiros) e a insegurança dos *outsiders* (migrantes) nas relações sociais entre grupos. Os territórios construídos pelos imigrantes passam a

⁶ Total de alunos por zonas e bairros: **Zona Norte**, 527 alunos: Casa verde 119, Vila Medeiros 192, Vila Guilherme, 18; Vila Maria, 198; **Zona central**, 221 alunos: Bom Retiro, 54 Brás, 167; nas menos expressivas, mas não menos importante, **Zona Oeste**, 162 alunos: Brasilândia, 93, Cachoeirinha 69; **Zona Leste**: Ermelindo Matarazzo 141 alunos; **Zona Sul**, 14 alunos: Capão Redondo 13, Jardim Ângela 1.

ser considerados territórios de estabelecidos, dos bolivianos, por exemplo, impedindo a condição de se constituir aí um grupo de outra nacionalidade. A permanência dessa população étnica numa mesma área reforça seus traços de união e de defesa dentro de um território maior que é a cidade de São Paulo.

A comparação (lá e cá) é um aspecto importante para o pesquisador de imigração porque o migrante carrega marcas sobre o “antes” e o “depois” da mudança. Sayad diz que “inmigración aquí y emigración allá son las dos caras indisociables de una misma realidad” (2010, p.10). Daí a necessária sensibilidade e acuidade no tratamento da imigração, investigando o fenômeno sob duplo olhar: para cá (para onde o migrante se mudou) e para lá (de onde o migrante saiu). Essa dupla percepção não pode ser separada para não se cometer o erro de incompreensão do processo migratório. Desta forma, e assumindo em nosso trabalho o conceito de imigração conforme definido por Sayad, procuramos entender a nova imigração brasileira, especificamente na cidade de São Paulo.

Destacamos dentro da imigração recente no Brasil, o número de imigrantes que conseguiram obter autorizações para trabalho:

Tabela 1. Relação de autorizações de trabalho concedidas a estrangeiros

GÊNERO	2011	2012	2013	1º Trl. 2013	2014
Masculino	62087	60807	55728	13659	9371
Feminino	6990	6413	6659	1405	1158
TOTAL GERAL	69077	67220	62387	15064	10529

Fonte: Ministério do Trabalho – Coordenação Geral de Imigração – CGIg
Atualizado até 31/03/2014

Tabela 2. Relação de autorizações de trabalho concedidas por origem

Pais	2011	2012	2013	1º Tri. 2013	2014
EUA	10098	9138	8943	2077	1672
FILIPINAS	7798	5179	5117	1022	991
REINO UNIDO	2500	4363	4089	1102	816
ÍNDIA	4262	4235	3756	883	542
ESPANHA	1844	1992	2677	654	533
ITÁLIA	2421	2999	2688	632	498
FRANÇA	2166	2369	2265	605	494
PORTUGAL	1547	2171	2913	704	443
ALEMANHA	3162	3589	2900	739	363
JAPÃO	2260	2316	2024	399	306
CHINA	2639	3082	2354	577	292
COREIA DO SUL	1440	2311	1461	229	272
HOLANDA	1222	1337	1336	311	266
NORUEGA	1821	1316	1062	293	201
INDONÉSIA	2682	2306	2253	576	192
CANADÁ	1170	1167	1071	361	167
MÉXICO	1059	1246	839	243	161
POLÓNIA	1044	942	989	289	149
UCRÂNIA	641	774	738	134	143
GRÉCIA	410	556	598	157	130
RÚSSIA	919	842	683	177	121
ROMÊNIA	750	698	744	229	119
BÉLGICA	534	642	512	140	105
ARGENTINA	536	488	468	71	99
COLÔMBIA	1014	1010	643	128	87
SUÉCIA	469	533	460	113	79
CROÁCIA	581	625	545	137	70
PERU	644	635	507	97	66
CHILE	302	311	292	48	58
VENEZUELA	768	525	624	312	56
OUTROS	10734	7523	6836	1625	1038
Total	69437	67220	62387	15064	10529

Fonte: Ministério do Trabalho – Coordenação Geral de Imigração – CGI
Atualizado até 31/03/2014

Curiosamente, sobre a recente imigração vinda da América do Sul só constam dados do Peru, Chile e Venezuela. Não apresentam dados sobre imigrantes bolivianos.

Dados do IBGE do Censo Demográfico de 2010 apontam que viviam no Brasil, no ano da pesquisa, 268 201 imigrantes, número maior do que o de 2000, que apontava um total de 143.644 imigrantes. O aumento foi de 86,7%. No Estado de São Paulo há 81 682 imigrantes. Dentre todos os estados brasileiros, o estado de São Paulo é o que mais recebe imigrantes.



Figura 1. Atlas do Censo Demográfico 2010.

Dentre todos os imigrantes chama atenção o número de bolivianos que vieram para o Brasil. Segundo o censo de 2010 o número total de bolivianos que estão no Brasil é de 15.753 imigrantes⁷, mesmo assim, eles não constam dos índices de autorizações concedidas para o trabalho do Ministério do Trabalho-CGIG.

Entendemos que a ideia de inserção dos imigrantes não ocorre facilmente e Sayad (2010) aponta a possibilidade da ilusão nutrida, antes da saída para o novo país, ter se desmistificado ao chegar:

Yo tambien, como todo el mundo, he tenido las mismas palabras respecto a Francia, y eso a lo largo de los días, de las noches y de los años. “¡Qué Dios me haga desaparecer de este país!”. El país de la “estrechez”, el país de la pobreza, el país de la miseria, el país “torcido”, “al revés”, el país “al contrario”, el país del declive, el país que suscita desprecio por parte de los suyos, el país incapaz de retener a los suyos, el país dejado de la mano de Dios... Y juramos, prometimos: “El día en que yo salga de aquí [del país] nunca más pronunciaré tu nombre; no miraré hacia ti; no volveré a ti”. Yo mismo, cuando me acuerdo de ello, cuántas veces me he encomendado, no a la “facilidad” ni tampoco a todos los Buenos auguridos que se desean a quien se marcha, sino a la fuerza de los demonios. “Que me arrastren, que me lleven lejos de aquí” era una expresión más habitual en mí que la que se usa para invocar la gracia: “Que Dios abra o ‘facilite’ el camino”.

En realidad, todo esto no son más que mentiras, como se suele decir, “una mentira tras otra”. ¡Que amargo eres, oh país, cuando se sueña abandonarte! ¡Y cuán deseada eres, oh Francia, antes de que se te conozca! Todo esto porque nuestro pueblo sólo está lleno de Francia. La gente no hace otra cosa que hablar de Francia. (Sayad, 2010, p. 34-35)

Essa ilusão é logo desfeita ao se deparar com as condições de vida do imigrante no país receptor. E, por isso, inicialmente a vontade desses migrantes é de que a permanência seja temporária, jamais definitiva:

En efecto, sabemos la suma de ilusiones colectivamente mantenidas que son necesarias, primero, en la emigración para que ésta pueda, en un primer momento, concebirse y, en un segundo momento, realizarse, y, a continuación, en la inmigración para que pueda, ella también, reproducirse y continuarse, inicialmente, mediante una renovación rápida de sus efectivos (inmigración-noria) y, más tarde, con los mismos hombres cuya estancia en la inmigración no cesa de alargarse (inmigración estabilizada). Ya hemos señalado en otra parte cuán consustanciales a la emigración y a la inmigración son la ilusión de lo *provisional* y, correlativamente, la *coartada del trabajo*. Por un lado – es la definición del inmigrado –, extranjero que permanece *provisionalmente* (al menos en teoría) y por razones de trabajo exclusivamente. (Sayad, 2010, p. 115)

⁷ Os dados de imigrantes que vivem em São Paulo ou no Brasil, segundo o IBGE referem-se aos imigrantes que têm documentos. Por essa razão, nem sempre os dados do IBGE são coerentes quando comparados com outras fontes: pastorais, jornais, secretarias de educação.

A chegada ao novo país marca o início das interações com a nova cultura e com a população. Esta é, sem dúvida, a etapa mais longa da migração e, para algumas pessoas, nunca acabará, ou seja, o sentimento de estar sempre em contato com o estrangeiro, com o estranho, com o que não é familiar pode durar toda uma vida no país de adoção. De qualquer modo, a imigração exige adaptação constante do imigrante, a negociação frequente entre a cultura de origem e aquela na qual evolui (Daure e Odile, 2009, p.419).

Os dados mostram que se inicialmente a imigração boliviana tinha caráter temporário, esse fato não ocorre mais na atualidade. Os dados do Censo demográfico do IBGE de 2010 apontaram para um aumento significativo dessa população boliviana no Brasil, especialmente no estado de São Paulo, já que ele é o Estado que tem o maior número de imigrantes do país. A tendência desses imigrantes é permanecer como imigrantes, os dados não evidenciam que estariam retornando para seu país de origem, ou que novos imigrantes teriam deixado de vir.

O objetivo principal deste artigo é mostrar qual a situação dos imigrantes “recém-chegados”⁸ no Brasil, particularmente na cidade de São Paulo. Esta metrópole vem recebendo e abrigando os imigrantes bolivianos, peruanos e chineses não mais como migrantes temporários, mas, de fato, como imigrantes permanentes. Como temos o objetivo de estudar a relação imigração e educação, fizemos um levantamento, ainda preliminar, sobre a situação de matrículas dos filhos de pais das nacionalidades acima apontadas na cidade de São Paulo.

Os dados versam sobre a situação de matrículas nos anos iniciais da educação básica, abrangendo a educação infantil e o Ensino Fundamental I e II, vinculados ao ensino municipal. Além da educação básica de crianças que obedecem a relação idade/série, temos também dados sobre a EJA (Educação de Jovens e Adultos) e dos CIEJA (Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos). São informações da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo, obtidas no Centro de Informática no mês de agosto/2014, Fonte: Sistema EOL, Data Base: 31/07/2014.

Interessa-nos saber qual o número de crianças das nacionalidades aqui estudadas está matriculado na escola brasileira, em São Paulo. Assim, pode-se ter uma ideia das dificuldades enfrentadas pelas escolas no que diz respeito ao acolhimento, educação e inserção dessas crianças e, por sua vez, no seio da sociedade paulistana. Seria este um número representativo?

Os dados da rede municipal de ensino são interessantes de serem estudados por que através deles podemos saber quem estuda na rede, qual a nacionalidade da criança e, por sua vez, deduzir a região onde se localiza a moradia destas crianças. Essa informação é importante porque podemos

⁸ Recém-chegados está entre aspas porque a imigração boliviana, pelos estudos do NEPO (Baeninger, 2012) ocorre desde as últimas décadas do século 20. Portanto, já temos aqui em São Paulo gerações de bolivianos.

inferir que eles moram próximos uns dos outros, formando uma espécie de comunidade nacional.

Os dados preliminares por nós levantados estão expressos na Tabela 3 e mostram, além dos bolivianos, outras nacionalidades que frequentam a escola. A mesma tabela também traz a situação das matrículas em outros níveis de ensino, como na EJA e nos CIEJA.

país	ed. Infantil	fund. 1	fund. 2	EJA	CIEJA	(C). TOTAL	% (C/912,037)
ANGOLA	28	13	7	2	0	50	0,0055%
ARGENTINA	58	39	12	1	0	110	0,0121%
BOLÍVIA	1.054	993	527	24	17	2.615	0,2867%
CHILE	5	4	2	0	1	12	0,0013%
CHINA	1	2	4	2	4	13	0,0014%
JAPÃO	57	107	77	0	4	245	0,0269%
PARAGUAI	35	25	22	2	2	86	0,0094%
PERU	41	27	12	1	0	81	0,0089%
PORTUGAL	29	12	8	0	2	51	0,0056%
REPÚBLICA DO HAITI	25	3	0	6	2	36	0,0039%
OUTROS	305	101	37	11	14	468	0,0513%
(A). TOTAL	1.638	1.326	708	49	46	3.767	
(B). No. alunos na rede	427.250	249.535	185.770	38.881	10.601	912.037	
% (A/B)	0,38%	0,53%	0,38%	0,13%	0,43%	0,41%	

PMSP/SME/Centro de informática

Fonte Sistema EOL Data Base 31/07/2014

Considerando todos os níveis de ensino que constam da Tabela 3 e somente a imigração da América do Sul, pode-se verificar o grande número de crianças, jovens e adultos bolivianos matriculados nas escolas municipais da cidade de São Paulo. Totalizam-se 2615 bolivianos, nos diferentes níveis, contra um total de 289 sujeitos das outras nacionalidades da América do Sul (argentinos, 110; chilenos, 12; paraguaios, 86 e peruanos, 81). Seguindo na leitura da tabela, vemos um número expressivo de japoneses – 245, e de chineses – 13, que se fazem representar no todo. Restam ainda, 50 africanos vindos de Angola e 51 europeus, representados pelos portugueses e 504 não identificados na categoria “outros”.

Vemos representados nessa tabela a imigração mais recente para a cidade de São Paulo, a nacionalidade haitiana, 36 crianças do Haiti estão matriculadas na escola. Por ser uma das imigrações mais recentes para o Brasil e particularmente em São Paulo, pode-se levantar a hipótese, a partir de Sayad (2010), de que essa é ainda uma imigração de indivíduos e não familiar, mas é provável que essa imigração torne-se populacional em razão

do terremoto ocorrido em 2010, catástrofe que vitimou o país, e vem aumentando o número de imigrantes. Somente no final do mês de abril de 2104 desembarcaram em São Paulo 400 haitianos⁹.

Nossa indagação é: diante desses números expressivos de crianças de diferentes nacionalidades, como a escola trabalha os problemas educacionais, considerando-se que esses alunos não falam o idioma português, e, principalmente, como a cultura de cada um deles é relevada dentro da escola, a começar pelo próprio idioma?

As famílias dessas crianças enfrentam dificuldades na inserção social como um todo, não só na escola. Estão inseridas em um meio cultural adverso e sofrem com problemas de reconhecimento no grupo social, nas relações pessoais mantidas no cotidiano e possivelmente no trabalho.

No caso da criança entendemos que ela é vítima da decisão dos pais (tem que acompanhá-los) quanto à imigração, mas tanto quanto eles, ou ainda em maior grau – por não terem plena consciência das razões para a imigração –, sofrem os conflitos vividos pelos pais e família quanto à inserção social (aqui), relacionada ao desligamento (lá) como emigrantes. Conhecem o drama familiar das dificuldades enquanto imigrantes e na escola sentem eles mesmos o conflito entre “Os estabelecidos e os *outsiders*” (Elias, 2000), os estabelecidos configurados em nacionais e os *outsiders*, em estrangeiros.

A adaptação do indivíduo, ainda segundo Sayad (2010), é marcada por um processo de perda de identidade, e pelo sentimento de culpa do emigrante, desde que deixa seu território de origem. A culpa se desenvolve pelos sentimentos de derrota e de traição (a ausência da sociedade de origem precisa ser justificada permanentemente) e o sentimento de culpa acompanha o sujeito desterritorializado de forma significativa, e muitas vezes coloca em xeque sua decisão individual de ter saído de seu território original. “Abandonando” seu grupo social e sua família de origem está deixando suas raízes, sua história e sua cultura para se estabelecer em outra sociedade comumente inóspita.

Nessa ebulição de sentimentos, cortes e recortes identitários, está o aluno que frequenta uma escola brasileira. Ele acompanha e vive o conflito da família imigrante no processo de inserção social.

O contraste Eu (migrante) x Outros (nacionais), acaba por ser um marcador do jogo de inclusão e de exclusão. Daí nosso interesse de pesquisar as práticas pedagógicas e os discursos sobre os imigrantes.

Acreditando que a escola é o local democrático por excelência, é premente elaborar cuidadosamente as práticas escolares para que não marquem ainda mais uma identidade já abalada no processo migratório. Inves-

⁹ Dados da BBC Brasil, 25/04/2014 consulta Internet em 3/09/14.

tigamos as seguintes perguntas: como ocorre a inserção do imigrante na escola, local que ele enfrenta sozinho, ou com seus pares (grupo de imigrantes)? Quais são as condições de acolhimento criadas pelas escolas no atendimento dessa população imigrante?

Sobre isso podemos aqui adiantar alguns resultados de pesquisa realizada em uma escola privada. Na escola pública na qual já estamos inseridos, conforme dados já apontados, as pesquisas com professores, alunos e gestores ainda estão em andamento.

As práticas pedagógicas observadas em uma escola privada da cidade de São Paulo estão aquém do desejado para facilitar a inclusão escolar e social dos alunos imigrantes. Observamos que as nacionalidades marcantes nesta escola são peruana e chinesa, com condições socioeconômicas diferenciadas dos imigrantes bolivianos, já que a mensalidade desta escola gira em torno de 1700 reais.

As práticas pedagógicas dos professores e gestores estão longe de serem meios de trabalhar e valorizar as diferentes culturas dos migrantes que convivem com alunos brasileiros do Fundamental I e II. Em entrevistas realizadas com os alunos chineses e peruanos verificamos a existência de um sentimento de inferioridade desses migrantes, que praticamente não são escolhidos pelos professores para exporem suas questões. Também não são solicitados para falarem em aulas propícias sobre suas práticas culturais, como é o caso da geografia, da história, e mesmo no aprendizado da língua portuguesa, o que facilitaria sua inserção. A percepção dessas crianças é de desvalor, eles se sentem menos inteligentes que os brasileiros.

A prática docente observada nessa escola na qual os alunos são economicamente similares não favorece as possibilidades de troca cultural num ambiente tão rico. Os professores observados na pesquisa se organizam de modo a privilegiar o grupo de brasileiros em detrimento dos imigrantes.

Mas não somente entre nacionais e estrangeiros há diferenciação. Nesse caso específico, podemos ainda verificar que existe por parte dos professores e gestores uma preferência com relação aos chineses, em observações realizadas em sala de aula. Assim, embora todos sejam de mesmo nível socioeconômico, ainda existe a escolha por aquele que se sai melhor nos estudos, que é mais disciplinado nas práticas escolares em geral. Ou seja, entre os *outsiders*, há um grupo mais *outsider* que outro. Os chineses são melhor percebidos que os peruanos, tidos como desinteressados. As dificuldades de inserção dos dois grupos imigrantes não põem em xeque as práticas pedagógicas que poderiam facilitar o envolvimento destes alunos nas rotinas escolares. As dificuldades de inserção recaem sobre os sujeitos imigrantes. Se estes não participam não é porque não encontram espaço que propicie a participação democrática de todos, mas porque eles são culturalmente diferentes e desinteressados.

Estes dados reforçam nossa ideia de que existe diferença na inserção escolar no que diz respeito às nacionalidades. Ela é marcada por características comportamentais e valores de práticas escolares, consideradas mais adequadas pela escola, pelo professor. Assim, podemos dizer que existe uma hierarquia de culturas, elege-se aquela que é “mais próxima da escola”, aquela cultura que promove valores similares aos que imperam na escola. Dessa forma, existe um imigrante desejável (os chineses) e outros menos desejados, os peruanos. Os imigrantes não têm sua cultura e sua história consideradas no percurso escolar, já que o currículo não permite uma adaptação para que as diferentes histórias e culturas sejam apresentadas e discutidas em sala de sala.

A forma como os professores e gestores veem os migrantes chineses e peruanos demonstra que esses só enxergam os migrantes como os “diferentes”, os que vieram para ocupar espaços de brasileiros e competir no mercado de trabalho. Esta realidade mostra como os atores escolares entendem o que é ser imigrante, ou melhor, só veem as diferentes nacionalidades que não devem ser consideradas por terem culturas específicas, de modo que não entendem que poderíamos conviver com essas culturas de forma mais enriquecedora.

Por fim, nossa hipótese parece caminhar no sentido de ser verdadeira, ou seja, há diferença no tratamento com diferentes imigrantes e que os professores, embora ainda restritos a uma escola, desconhecem e desconsideram o significado e as implicações de ser estrangeiro, imigrante. Os dados aqui apresentados ainda são preliminares e não podem ser generalizados devendo ser adensados ao longo do tempo, já que nossos estudos ainda se desenvolvem.

O Brasil como um país que bem recepciona seus visitantes, tem sido posto em xeque no que diz respeito à absorção desse público novo nas escolas. Existem algumas pesquisas que se debruçam sobre o fenômeno da imigração dos bolivianos e sua inserção na escola pública, que não se configura como uma inserção tranquila¹⁰, deixando entrever que há dificuldade dos nacionais e dos que trabalham próximos aos grupos imigrantes no entendimento do que significa ser imigrante, e também da aceitação das culturas diversas na esfera escolar. Por isso não conseguem facilitar o entrosamento efetivo e verdadeiro desses novos grupos. É preciso que nos perguntemos se esses imigrantes têm suas culturas e histórias consideradas no percurso escolar e, se sim, como são recebidos e tratados?

¹⁰ Sobre esse ponto, ver a Dissertação. *Encontros e desencontros na escola: um estudo sobre as relações sociais entre alunos brasileiros e bolivianos em São Paulo* de Lis Régia Pontedeiro Oliveira, PEPG em EHPS, PUC-SP, 2013.

É preciso esclarecer que quando se diz “como são recebidos e tratados” na escola, não se trata de absorver o imigrante de maneira assimilacionista, prática que tende à homogeneização, na anulação dos sujeitos e de suas diferentes práticas, histórias tecidas em outros lugares. É preciso também investigar se essa prática assimilacionista acontece nas escolas. Trata-se de apontar que o assimilacionismo é encarado aqui como uma forma de acomodar o imigrante na identidade nacional.

Assim, o aspecto cultural no nosso trabalho é relevado porque nos permite maior compreensão do objeto de estudo no sentido de contribuir para o debate e o entendimento dos porquês das dificuldades de inserção social desses migrantes na escola e no grupo social.

CONCLUSÃO FINAIS

Apresentamos aqui alguns resultados de pesquisas que estudam as recentes imigrações para a cidade de São Paulo tendo como preocupação central a sua inserção na escola.

Partimos de estudos que analisam a imigração como um problema sociológico e compreendido na sua imensa maioria com um problema econômico entre países emissores de imigrantes e países receptores de imigrantes.

Essa é uma vertente importante nas análises dos estudos, entretanto queremos estudar a imigração a partir da ênfase imprimida nos trabalhos de Abdelmalek Sayad, ou seja, a cultura do migrante. Assim, tentamos mostrar no texto o migrante como indivíduo que sofre a ausência de lá (de onde saiu), e cá (onde chegou) não se sente integrado socialmente, sua identidade se altera ao tentar se inserir em uma sociedade na qual é estranho, por suas características físicas, pela língua e por práticas culturais próprias.

As informações apresentadas aqui, e que mais nos interessam, apontam que o número de imigrantes bolivianos matriculados nas escolas públicas de São Paulo, bem como de outras nacionalidades, a exemplo de peruanos e chineses é relevante, portanto, o estudo da inserção escolar e social dessas crianças deve ser aprofundado.

Vimos que as práticas pedagógicas desenvolvidas junto aos alunos imigrantes são defasadas, no que tange a atender a inserção escolar dessas crianças, numa tentativa de considerar a história e práticas culturais dos imigrantes enriquecendo a cultura das diferentes nacionalidades, estrangeiros e brasileiros.

Não se trata de acomodar ou fazer o imigrante assimilar a cultura brasileira, mas valorizar a sua cultura de modo que possa manter sua identidade, sem se sentir estigmatizado pela cultura nativa dominante.

Por último, esse trabalho é fruto de um grupo de estudos e pesquisa do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da PUC-SP.¹¹

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=sp&tema=censodemog2010_migra Acesso realizado em 25/08/2014.

DAURE, Ivy; REVEYRAND-COULON, Odile. Transmissão cultural entre pais e filhos: uma das chaves do processo de imigração. *Psic. Clin.* Rio de Janeiro, vol. 21, n. 2, 2009.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

MARTINE, George. A globalização inacabada. Migrações internacionais e pobreza no século 21. In: *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, vol. 19, n. 3, p. 3-22, jul./set.2005.

Ministério do Trabalho – Coordenação Geral de Imigração – CGIg atualizado em 31/03/2014.

SASAKI, Elisa Massae e ASSIS, Gláussia Oliveira. O. *Teorias das migrações internacionais*. XII Nacional da ABEP. Caxambu, 2000. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/abordagens-teoricas-sobre-migracoes/47805/#ixzz3C0xzulY8> Acesso feito em 30/07/2014.

SAYAD, Abdelmalek. *La doble ausencia. De las ilusiones del emigrado a los padecimientos del inmigrado*. Barcelona, Anthropos, 2010.

Secretaria Municipal de Ensino de São Paulo Sistema EOL Data Base 31/07/2014.

¹¹ Os autores desse artigo são pesquisadores do grupo de estudo e pesquisa Movimentos Migratórios e Educação da PUC-SP coordenado pela profa. Dra. Leda Maria